



PANORAMA DA SIDERURGIA

HORIZONTE INDEFINIDO

Produção mundial de aço volta a crescer ao ritmo histórico, mas o horizonte está repleto de incertezas

O peso do aço em toda a cadeia produtiva faz deste insumo o termômetro mais seguro quando o tema é o desenvolvimento. Certo como dois e dois são quatro,

hoje, o mercado, cada vez mais interdependente, transformou a análise econômica em um exercício tão complexo quanto os mecanismos que envolvem a chamada globalização. Assim é que a simples leitura dos números do setor não traduz ou explica as mudanças que agora mesmo estão em vias de acontecer na economia mundial. Os dados sobre produção, vendas internas e exportações são, na verdade, a ponta de um iceberg. A parte submersa ainda não está consolidada, mas é possível imaginar seus contornos. Nossa tarefa é trazê-lo à tona ao longo desta breve reflexão – olhando o volume de toneladas e os horizontes futuros da economia. Vamos começar então com a parte palpável: os números.

Depois dos altos e baixos de 2008 a 2010, por conta da crise financeira eclodida nos Estados Unidos, a produção mundial de aço bruto voltou a crescer em 2011 mais ou menos dentro da média anual histórica registrada entre 2001 e 2007, que foi de 6,92%. De acordo com a Associação Mundial do Aço (WSA, na sigla em inglês de World Steel Association), no primeiro semestre deste ano comparado com o mesmo período de 2010, o índice de crescimento foi de 7,56%, passando a produção de 705,208 milhões de toneladas para 758,582. A produção de junho em relação ao mesmo mês de 2010 aumentou 8,02%, indo de 118,258 milhões de toneladas para 127,746. No caso do Brasil, o crescimento nos primeiros seis meses de 2011 foi de 8,62%, passando de 16,381 milhões de toneladas para 17,794. Na comparação de junho deste ano com junho de 2010, o aumento da produção foi menor, não passando de 3,92%.

Segundo a WSA, houve expansão da oferta nas principais regiões produtoras do mundo – Ásia (8,6%), América do Norte (5,2%), União Europeia (4,1%) e América do Sul (14,6%). A análise fria desses números indica que a produção de aço bruto voltou à normalidade depois dos percalços causados pela crise econômica mundial iniciada em 2008 e que atingiu seu auge no ano seguinte. Naquele ano, a queda foi de 1,64%, diminuindo de 1,351 bilhão de toneladas em 2007

Nos próximos anos,
as economias
em crescimento
deverão suprir
72% da demanda
mundial por aço

para 1,329 bilhão em 2008. Em 2009, a queda em relação ao ano anterior foi maior ainda, 8,85%, com a produção caindo para 1,211 bilhão de toneladas. Em 2010, o setor mostrou algum alento e houve uma forte recuperação em função das baixas verificadas nos anos anteriores: o total de aço bruto produzido

no mundo chegou a 1,413 bilhão de toneladas, o que representou um crescimento de 16,68% sobre 2009. Esses números refletem a tímida recuperação pela qual a economia mundial passou após a crise de 2008.

A produção mundial de aço bruto em 2011 não vai alcançar altos índices de crescimento mas, liderada pela China, deverá alcançar

PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇO em milhões de toneladas

JANEIRO A JUNHO	2011	2010	%	2009	%
União Europeia	93 384	89 745	4,1	62 250	50,0
Outros países europeus	18 085	14 876	21,6	12 869	40,5
C.I.S.	56 643	53 423	6,0	44 135	28,3
América do Norte	59 179	56 229	5,2	35 370	67,3
BRASIL	17 715	16 380	8,2	10 565	67,7
América do Sul (Total)	24 338	21 236	14,6	15 687	55,1
África	6 961	8 381	-16,9	7 098	-1,9
Oriente Médio	10 356	9 582	8,1	8 560	21,0
China	350 543	319 881	9,6	266 887	31,3
Índia	35 636	33 994	4,8	30 271	17,7
Japão	54 071	54 577	-0,9	36 690	47,4
Coreia do Sul	33 866	28 587	18,5	22 126	53,1
Taiwan, China	10 701	9 568	11,8	6 935	54,3
Ásia (Total)	484 817	446 607	8,6	362 909	33,6
Oceania	4 007	3 974	0,8	2 304	73,9
TOTAL GERAL 64 países*	757 771	704 053	7,6	551 181	37,5

*Os 64 países associados à WSA incluídos nesta tabela representam mais de 98% do total da produção mundial de aço bruto em 2010.

Fonte: WSA

a marca de 1,568 bilhão de toneladas, 7% a mais do que 2010. A previsão é da consultoria de aço MEPS International, sediada no Reino Unido. De acordo com representantes das indústrias do setor, uma quantidade recorde de aço deverá chegar ao mercado mundial devido às expectativas dos produtores de um crescimento da demanda, principalmente dos países em desenvolvimento. Essas estimativas, no entanto, seguramente estão sendo reavaliadas diante do recrudescimento da crise econômica. Uma coisa é certa: a China continuará sendo a grande alavanca da produção mundial de aço.

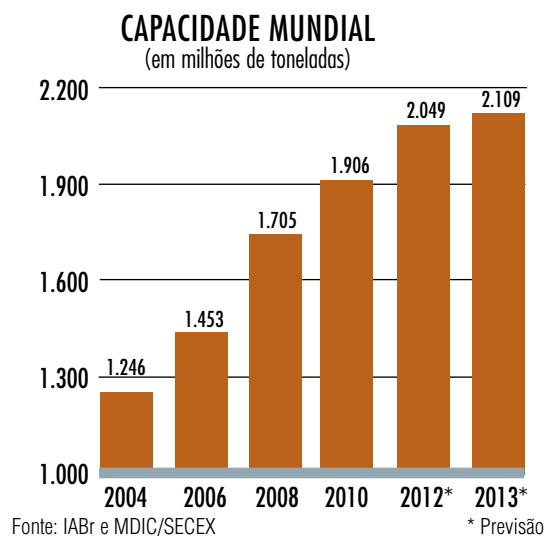
Ainda de acordo com a MEPS International, a liderança será mantida principalmente em função da demanda do setor de construção chinês por casas de baixo custo. O país vem tentando acelerar a construção desse tipo de moradias, com o objetivo de aumentar a oferta de habitação e conter a alta dos preços dos imóveis. O primeiro-ministro chinês Wen Jiabao chegou a declarar recentemente que o início da construção de 10 milhões de casas de baixo custo em 2011 é uma meta que precisa ser alcançada.

A WSA, por sua vez, avalia que os números do ano passado e do primeiro semestre de 2011 deixam entrever mudanças em curso

no setor. Segundo seus analistas, está havendo um deslocamento do centro de gravidade da indústria siderúrgica mundial, que está se deslocando dos países desenvolvidos para os emergentes. De acordo com a entidade, nos próximos anos, as economias em crescimento deverão suprir 72% da demanda mundial por aço. Com destaque para a China, que já é disparado o maior produtor do insumo, com quase metade da produção mundial. Só no ano passado, o país produziu 626,654 milhões de toneladas de aço bruto, o que representou um crescimento de 9,25% sobre as 573,567 milhões de toneladas fabricadas em 2009.

Já em 2011, nos primeiros seis meses do ano, o gigante asiático produziu 352,803 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 9,85% sobre as 321,161 milhões de toneladas fabricadas em igual período de 2010. Aqui, os números falam por si e não deixam margem de dúvida. Quando se compara junho de 2011 com junho do ano passado, o aumento da produção chinesa é de 11,87%, de 53,569 milhões de toneladas para 59,932. Os números referentes aos meses de maio e junho do ano em curso, no entanto, introduzem um dado novo. Quem sabe em virtude da segunda fase da crise econômica, a produção registrou uma ligeira queda da ordem de 0,51%. Não é possível afirmar, portanto, que a siderurgia chinesa encerrará o ano com uma produção de 710 milhões de toneladas previstas.

Segundo colocado no ranking dos maiores fabricantes do mundo, o Japão produziu 109,600 milhões de toneladas de aço bruto em 2010. Em 2011, no entanto, sua capacidade produtiva foi prejudicada pelo terremoto ocorrido em 11 de março, seguido de um tsunami que atingiu uma usina da Sumitomo Metal Industries na costa nordeste do país. No primeiro semestre sua produção caiu 0,92% em relação a igual período do ano passado, diminuindo de 54,577 milhões de toneladas para 54,071. Na comparação de junho deste



CONSUMO MUNDIAL DE AÇO POR REGIÃO

	CRESCIMENTO ANUAL EM%			11vs07
	2009	2010	2011	
MUNDO	-6	13	6	11
CHINA	26	5	5	43
ÍNDIA	8	10	13	33
JAPÃO	-32	21	-1	-22
RESTO DA ÁSIA	-17	17	8	6
UNIÃO EUROPEIA	-35	21	5	-23
C.I.S	-28	34	8	-7
EUA/CANADÁ	-39	37	12	-15
AMÉRICA LATINA	-21	30	7	13
MUNDO EX-CHINA	-24	21	7	-6

Fonte: WSA - Short Range Outlook (abril/2011)

ano com igual mês de 2010, a queda foi de 5,03% – de 9,356 milhões de toneladas para 8,885. Em relação a maio deste ano, quando foram fabricadas 9,049 milhões de toneladas, a diminuição foi de 1,81%.

Aos poucos, entretanto, o país deverá recuperar sua capacidade produtiva. Pelo menos é o que apontam os dados de julho deste ano, divulgados pela Federação de Ferro e Aço do Japão. Os números são diferentes dos coletados pela WSA. Eles mostram uma pequena queda da produção de 0,8% em julho em relação a junho, o que significa estabilidade na prática. E uma melhora significativa em relação às quedas de junho, maio (7%) e abril (6%). Esse melhor desempenho em julho se deve em parte à retomada da produção pelas montadoras do país após o terremoto de março. Graças a isso, as cinco maiores usinas do Japão, incluindo a quarta maior produtora mundial, Nippon Steel, e a quinta maior, JFE Steel, planejam produzir 21,35 milhões de toneladas de aço no terceiro trimestre, 7% mais que o volume do trimestre anterior.

A Índia é outro país asiático que teve aumento da produção de aço bruto neste

ano. No primeiro semestre de 2011 suas usinas fabricaram 35,327 milhões de toneladas, um crescimento de 4,34% em comparação com as 33,857 milhões de toneladas registradas no mesmo período do ano passado. Apenas em junho, a produção indiana chegou a 5,96 milhões de toneladas, um aumento de 0,30% em relação a maio e de 7,31% em relação a junho de 2010, quando o total chegou a 5,554 milhões de toneladas. O país vem se destacando no mercado de aço mundial, tendo ultrapassado, em 2010, a Rússia na lista dos maiores produtores de aço do mundo, ocupando agora a quarta colocação. De acordo com a WSA, em 2013 o país deverá passar para o segundo lugar.

A Coreia do Sul, sexto maior produtor mundial com 58,453 milhões de toneladas fabricadas no ano passado, foi o país da Ásia que registrou o maior aumento de produção nos primeiros seis meses de 2011 em relação a igual período de 2010: 18,46%, com volume fabricado passando de 28,587 milhões de toneladas para 33,866. Em junho, o total de aço bruto produzido pelas usinas coreanas atingiu 5,665 milhões de toneladas, 19,01% a mais do que em junho do ano passado, quando foram manufaturadas 4,760 milhões de toneladas. Mas, quando comparamos a produção do último mês de junho com o mês anterior (maio), a Coreia acompanha o padrão observado no leque de países produtores: a produção, 5,856 milhões de toneladas, foi 3,26% menor do que a de maio.

Terceiro maior produtor mundial e epicentro da crise econômica deflagrada em 2008, os Estados Unidos produziram 80,594 milhões de toneladas de aço em 2010. Como era de se esperar, em 2011 o desempenho de seu parque siderúrgico foi mais modesto do que a performance asiática. Nos primeiros seis meses do ano, o país produziu 42,654 milhões de toneladas, 4,29% a mais do que no mesmo período de 2010, quando o total chegou a 40,898 milhões de toneladas. Já a

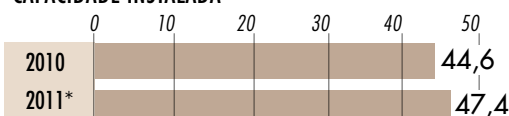
produção de junho deste ano, 7,213 milhões de toneladas, foi 1,73% maior do que as 7,090 milhões de toneladas fabricadas no mesmo mês de 2010, e apenas 1% superior a de maio de 2011, quando foram registradas 7,141 milhões de toneladas. No total, a América do Norte produziu 59,037 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2011 ante 56,261 milhões de toneladas no mesmo intervalo do ano passado, o que significa um crescimento de 4,93%. Comparando-se junho de 2011 com junho de 2010, o aumento foi de 6,11%, com 10,132 milhões de toneladas ante 9,548 milhões.

A situação não é muito diferente para os outros países que compõem o seleto grupo de grandes produtores de aço. Todos eles, com pequenas variações, aparecem com índices positivos em relação ao passado recente – quando a economia ainda estava fragilizada e deprimida. A Rússia é um deles. Ocupando a quinta posição do ranking da WSA, o País, que em 2010 produziu 67,021 milhões de toneladas de aço bruto, experimentou um aumento de 4,92% no primeiro semestre de 2011. Sua produção passou de 32,853 milhões de toneladas nos primeiros seis meses do ano

CONSUMO X CAPACIDADE BRASIL-MUNDO

(em milhões de toneladas)

CAPACIDADE INSTALADA



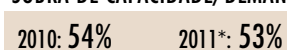
DEMANDA INTERNA



SOBRA DE CAPACIDADE**



SOBRA DE CAPACIDADE/DEMANDA

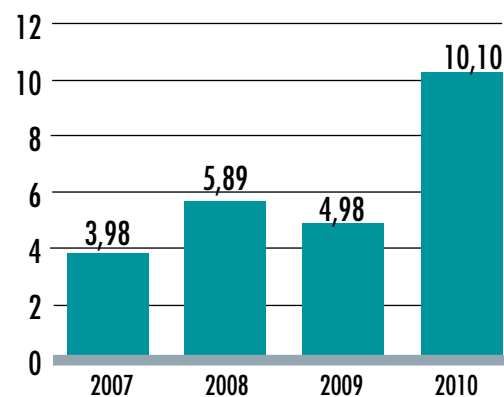


Fonte: IABr e MDIC/SECEX

* Em relação à demanda interna
** Previsão

IMPORTAÇÕES AGREGADAS*

BRASIL-MUNDO (em milhões de toneladas)



Fonte: IABr e MDIC/SECEX * Diretas e indiretas de produtos em aço

passado para 34,472 milhões de toneladas em igual período de 2011. No comparativo entre junho deste ano (5,600 milhões de toneladas) e o mesmo mês de 2010 (5,405), o aumento da produção russa foi de 3,60%.

No caso da Ucrânia, o oitavo país da lista dos maiores produtores, com uma produção de 33,559 milhões de toneladas em 2010, o crescimento entre o primeiro semestre do ano passado e o deste ano foi de 19,58%, aumento de 16,692 milhões de toneladas para 17,790. Somadas, a produção dos países da Comunidade dos Estados Independentes (CIS, na sigla em inglês), que reúne a maioria das ex-repúblicas soviéticas, cresceu 5,51% no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo intervalo do ano passado, passando de 53,432 milhões de toneladas para 56,378.

Na União Europeia (UE), a Alemanha é um caso à parte. Nem tanto pela quantidade de aço lá produzido. O País, afinal de contas, ocupa o sétimo lugar do ranking de países que mais produzem o insumo no mundo. Sua importância está no status que adquiriu ao longo da crise que se abate sobre a União Europeia. Ao contrário de países como a Grécia, Portugal e Espanha, a economia alemã ocupa um lugar privilegiado. Ainda assim, segundo dados da WSA, a produção,

ao longo de 2010, não ultrapassou 43,815 milhões de toneladas. A situação não mudou muito no primeiro semestre de 2011. O volume de aço produzido cresceu apenas 1,91% em relação aos primeiros seis meses do ano passado, indo de 22,645 milhões de toneladas para 23,179. Na comparação entre junho deste ano e junho de 2010 o crescimento foi menor ainda: 0,23%. No período, o total de aço bruto fabricado passou de 3,857 milhões de toneladas para 3,866.

Apesar dos números relativamente positivos, a tendência é que o cenário da siderurgia mundial piore nos próximos semestres. A conclusão é de um estudo divulgado pelo Citigroup Global Markets no último mês de junho. Os analistas da instituição estudaram as cadeias produtivas de mineração e de aço em dois períodos distintos e suas previsões não são muito otimistas: as dificuldades do setor podem durar pelo menos mais dois anos e meio. O trabalho mostra que fabricantes de aço no mundo terão problemas de rentabilidade. Por outro lado, as mineradoras, em especial as de minério de ferro, vão continuar tirando proveito dos preços em alta de seus produtos. Empresas como Vale, BHP Billiton e Rio Tinto, deverão se manter, segundo o estudo, com elevadas margens e lucros robustos.

Brasil, produção em alta

O mercado siderúrgico no Brasil no primeiro semestre de 2011 se caracterizou pelo crescimento da produção de aço bruto, queda de laminados, aumento das vendas internas e das exportações e diminuição das importações e do consumo aparente. Segundo dados da WSA, a produção brasileira de aço bruto em junho de 2011 foi de 2,962 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 3,92% em relação ao mesmo mês de 2010, quando foram fabricadas 2,850 milhões de toneladas. No acumulado nos primeiros seis meses do ano, a produção chegou a 17,796 milhões de

toneladas, um crescimento de 8,63% em relação às 16,381 milhões de toneladas produzidas em igual período no ano passado.

Laminados

Em relação aos laminados, a produção de junho foi de 2,1 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 8,4% quando comparada a de junho do ano passado. No primeiro semestre deste ano, o total de laminados fabricados chegou a 12,8 milhões, uma queda de 2,2% sobre o mesmo período de 2010. Quanto às vendas internas, em junho de 2011 elas alcançaram 1,8 milhão de toneladas de produtos, uma queda de 8,2% quando comparadas com o mesmo mês de 2010. No acumulado no primeiro semestre deste ano, as vendas internas foram de 10,9 milhões de toneladas, o que representou um crescimento de 0,7% com relação ao mesmo intervalo do ano passado. No Rio Grande do Sul, o consumo do aço caiu 22% no primeiro semestre de 2011 em relação ao mesmo período do ano passado, passando de 728 mil toneladas para 566 mil. Na distribuição, a queda foi entre 15% e 20%.

Outros produtos siderúrgicos

De acordo com dados do Instituto Aço Brasil (IABr), diferentemente do mercado interno, as vendas externas tiveram forte crescimento no primeiro semestre de 2011. As exportações de produtos siderúrgicos em junho de 2011, foram de 1,0 milhão de toneladas, no valor US\$810 milhões. Com esse resultado, as exportações nos primeiros seis meses de 2011 chegaram a 5,6 milhões de toneladas e US\$4,3 bilhões, representando aumento de 32,7% em volume e de 69,2% em valor quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

Já as importações de outros produtos siderúrgicos registraram queda de 36,7% no primeiro semestre de 2011, chegando a US\$1,7 milhão. O consumo aparente também caiu em 2011. Em junho, ele foi de 2,1 milhões

de toneladas, totalizando 12,6 milhões de toneladas nos seis primeiros meses do ano. Esses valores representaram queda de 10,3% e 5,6%, respectivamente, em relação aos seis primeiros meses do ano passado.

Mercado otimista, mas nem tanto

Esses números geraram certo otimismo no mercado siderúrgico brasileiro. O Instituto Aço Brasil (IABr), no entanto, avalia a revisão de metas do ano. “Não temos observado o crescimento que se imaginava no mercado interno” – assinala o presidente executivo do IABr, Marco Polo de Mello Lopes. As previsões eram de que a produção de aço bruto do país deveria bater recorde em 2011, chegando a 39,4 milhões de toneladas e a um crescimento de 19,8% em relação a 2010. Quanto às vendas internas, a estimativa era de que elas crescessem 18,6% neste ano, alcançando o total de 24,6 milhões de toneladas. As estimativas previam ainda um crescimento de 6% no consumo aparente em comparação ao ano passado. Os dados consolidados no primeiro semestre, todavia, mostram que as siderúrgicas estão longe de alcançar estas marcas.

A entidade que representa as siderúrgicas instaladas no País ainda não revisou oficialmente seus números, mas já começou a trabalhar na reavaliação das estimativas divulgadas em junho. Marco Polo diz que há um sentimento de que as previsões recuem, mas a ordem de grandeza da revisão ainda é discutida. Segundo o executivo, o grupo técnico da entidade estava debruçado em dados preliminares do mês de julho e iria emitir uma posição oficial em setembro. “A combinação de excesso de oferta no exterior e estoques elevados na cadeia de distribuição tornou o ambiente de negócios mais desafiador para as vendas no mercado doméstico e internacional” – disse o executivo.

Outros dados fechados pela Associação Nacional dos Distribuidores de Aço (INDA) traçaram um cenário nada animador para o setor. Apesar da retração de 3,7 para 3,5 meses de material estocado na rede de distribuição no fim de julho, as importações de aços planos voltaram a crescer naquele mês: foram 227 mil toneladas de produtos de aço carbono (chapa grossa, bobinas fina a quente e a frio e material

PRODUÇÃO SIDERÚRGICA BRASILEIRA

PRODUTOS	JAN/JUN		11/10 %	ABR 2011	MAI 2011	JUNHO		11/10 %	ÚLTIMOS 12 MESES
	2011(*)	2010				2011	2010		
AÇOBRUTO	17.715,5	16.380,2	8,2	2.988,1	3.276,4	2.962,2	2.850,0	3,9	34.262,8
LAMINADOS	12.813,9	13.098,0	(2,2)	2.128,6	2.238,1	2.138,2	2.333,7	(8,4)	25.117,3
PLANOS	7.326,6	7.875,1	(7,0)	1.233,3	1.258,7	1.171,9	1.413,8	(17,1)	14.614,6
LONGOS	5.487,3	5.222,9	5,1	895,3	979,4	966,3	919,9	5,0	10.502,7
SEMI-ACABADOS P/VENDAS	3.801,0	2.749,3	38,3	703,4	740,3	645,9	449,2	43,8	7.221,2
PLACAS	3.190,8	2.187,6	45,9	600,9	624,9	557,7	361,7	54,2	5.846,2
LINGOTES, BLOCOS E TARUGOS	610,2	561,7	8,6	102,5	115,4	88,2	87,5	0,8	1.375,0
FERRO-GUSA	16.749,8	15.437,3	8,5	2.805,3	3.074,2	2.761,5	2.679,3	3,1	32.267,5
USINAS INTEGRADAS	13.869,2	12.728,0	9,0	2.334,8	2.581,9	2.279,0	2.152,8	5,9	27.035,4
PRODUTORES INDEPENDENTES	2.880,6	2.709,3	6,3	470,5	492,3	482,5	526,5	(8,4)	5.232,1

Fonte: IABr

Unidade:10³t

zincado), contra 123 mil ton. em junho. De acordo com o presidente da entidade, Carlos Loureiro, tudo que a rede quer evitar é ser pega lotada de material por uma nova crise mundial. “Até o fim de novembro nossa meta é levar o patamar de estoques de volta a 2,5 meses de venda” – adiantou ele.

Ainda assim, os players do setor acreditam no aumento do consumo *per capita* de aço. O presidente executivo do IABr, Marco Polo de Mello Lopes, é um deles. A projeção é a de que o país alcance a marca de 150 a 200 quilos por habitante ao ano em 2015, contra os 137 quilos atuais. “A expectativa está baseada na realização de eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, obras do PAC como o “Minha Casa, Minha Vida”, além da exploração no pré-sal”, sublinhou.

Mas, o que separa o Brasil dessas previsões mais otimistas? Será que a lista de grandes eventos e as obras de infraestrutura previstas são suficientes para manter o otimismo entre os players da siderurgia? Desnecessário dizer, o setor siderúrgico não é imune aos impactos da redução das atividades produtivas nos países desenvolvidos. A recessão, aliás, vem afetando a indústria nacional como um todo. E os temores, é bom que se diga, são os mesmos em toda a cadeia produtiva: altos estoques (o dobro do normal na siderurgia), queda da demanda mundial e valorização do real e a perda da competitividade do produto nacional. As mais recentes projeções da Tendências Consultoria indicam, aliás, que a indústria brasileira deverá puxar para baixo o crescimento da economia nacional este ano. Além destes obstáculos, a indústria produtora de aço convive ainda com os altos custos das principais matérias primas usadas em sua

A tendência é que o cenário da siderurgia mundial piore nos próximos semestres

fabricação: o minério de ferro, cujo preço em junho estava em torno de US\$180 a tonelada, e o carvão, cotado a mais de US\$300. “É bom lembrar também a alta carga tributária que recai sobre o setor industrial” – acrescenta o presidente executivo do IABr, Marco Polo de Mello Lopes.

Falta de competitividade

Os produtores de aço reclamam, naturalmente, que esses fatores afetam a sua competitividade diante da concorrência com outros países. As empresas, na verdade, são obrigadas a trabalhar com baixas margens de preço nas vendas e, dessa forma, não conseguem enfrentar a entrada de aço estrangeiro. Não é por outro motivo que as principais lideranças da siderurgia brasileira vêm, há algum tempo, se mobilizando para reverter a situação. Os dirigentes do Instituto Aço Brasil (IABr), entre eles o empresário Jorge Gerdau, iniciaram uma série de gestões para levar ao conhecimento do governo federal suas reivindicações. O extenso rol de pleitos do setor – objeto de audiência com o presidente do BNDES, Luciano Coutinho em julho último – inclui a desoneração tributária dos investimentos, a redução de juros e de custos trabalhistas e de energia, respeito às regras de mercado e redução de impostos, além da aceleração de projetos de infraestrutura, prioridade a produtos nacionais nas compras com recursos públicos, defesa comercial e apoio às exportações.

É uma pauta de reivindicações que tem o apoio da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS). “São os mesmos pleitos sobre os quais temos falado há algum tempo”, diz seu presidente, José Antônio Martins. “Outra coisa que nós estamos pedindo também, que estava no PDP (Plano de Desenvolvimento Produtivo), era

a depreciação acelerada. Isso tudo foi criado, mas não foi colocado em prática. Agora, vamos ver se as coisas engrenam”.

A estratégia inclui uma reunião com o ministro Fernando Pimentel, da Indústria e Comércio (MDIC), e uma audiência com a presidenta Dilma Rousseff para detalhar as questões que ameaçam a competitividade do setor não só no exterior – mas aqui mesmo no mercado interno. De acordo com as lideranças do setor, é preciso alertar aqueles que equivocadamente consideram caros os produtos siderúrgicos nacionais. “Os críticos não estão levando em conta o câmbio valorizado e a elevada carga tributária que pesa sobre a indústria” – rebatem os dirigentes das siderúrgicas. Uma pesquisa encomendada pelo IABr a uma consultoria estrangeira no ano passado indicou que o peso dos impostos na bobina a quente de aço é da ordem de 42% e tem uma incidência de 47% na produção de vergalhões.

Esse cenário, de certa forma, vem moldando a atuação e os resultados financeiros das principais usinas brasileiras, bem como seus planos e estratégias para o futuro. A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), aliás, é um bom exemplo de que a leitura apressada dos números muitas vezes esconde a realidade. A Companhia teve um resultado recorde de primeiro semestre, com a receita líquida de R\$8,1 bilhões, 15% superior à registrada em igual período em 2010. O lucro líquido, por sua vez, foi de R\$1,8 bilhão, 32% maior que o obtido nos seis primeiros do ano passado. Os bons resultados não se originam, no entanto, da produção de aço, mas sim da mineração. Na verdade, as operações siderúrgicas da empresa tiveram uma queda de 8,9% na receita do segundo trimestre na comparação com o mesmo período do ano passado. “A CSN só tem investido em mineração de ferro porque ali as margens de rentabilidade são acima de 60% e a Usiminas cancelou investimentos de US\$5 bilhões em

uma usina para investir em minério, energia e logística” – lembra Marco Polo do IABr.

Entre os dirigentes da CSN, aliás, a cautela aumentou na razão exata em que o otimismo diminuiu quando o assunto é a área de siderurgia. Em recente teleconferência com analistas, o diretor comercial da empresa, Luiz Fernando Martinez, pintou a realidade do setor em cores vivas. De acordo com ele, apesar da queda pela metade da importação direta de aço, 1,7 milhão de toneladas no primeiro semestre, os dados preliminares de julho são preocupantes. Segundo o executivo, os números mais recentes demonstram um cenário de crescimento das compras externas. “Isso é uma ameaça muito grande para o segundo semestre” – disse ele. Ainda de acordo com Martinez, no ano passado, o volume elevado de importações de aço obrigou os produtores locais a concederem descontos no fim do ano. “E com isso o lucro das empresas ficou comprometido nos três primeiros meses de 2011”, acrescentou.

Vendas menores

A Usiminas, maior produtora de aços planos do Brasil, também guarda certa cautela com relação ao mercado do aço nos próximos meses. Aqui, os números falam por si. No primeiro semestre, as vendas da empresa atingiram 3,171 milhões de toneladas, uma queda de 8% em relação ao mesmo período do ano passado. Por isso, a Companhia, no começo de agosto, reduziu sua projeção de vendas de aço em 2011: de 6,8 milhões de toneladas para 6,5. Em teleconferência com analistas, O vice-presidente financeiro da empresa, Ronald Seckelmann, também usou a teleconferência para prevenir os analistas. “Não há sinais de atividade maior na demanda por aço no segundo semestre”, adiantou o executivo.

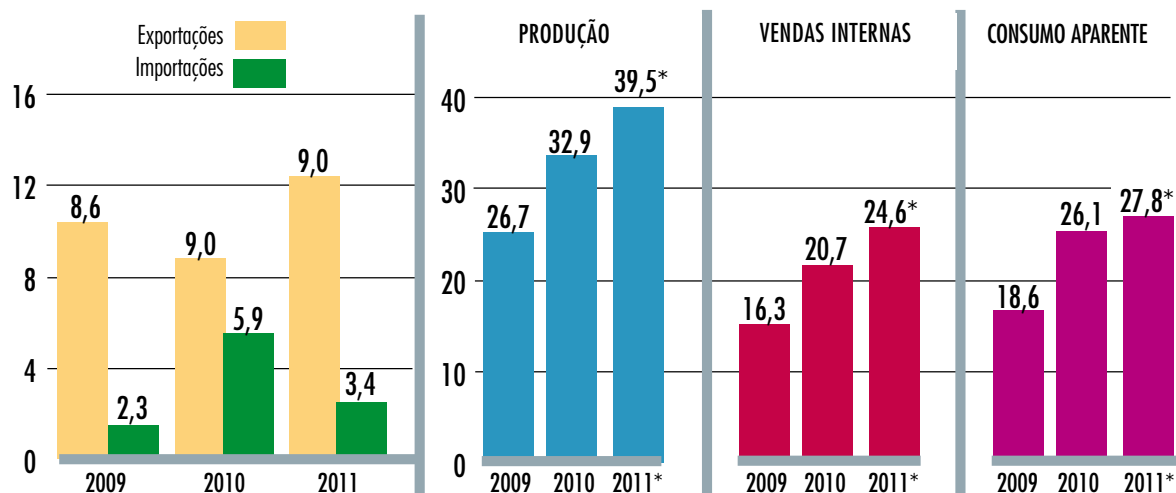
Maior produtora de aços longos das Américas, a Gerdau foi a siderúrgica brasileira que registrou o pior resultado financeiro durante o segundo trimestre de 2011:

o lucro líquido da empresa, da ordem de R\$503 milhões, amargou uma queda de 41% em comparação com o resultado obtido um ano antes. Segundo seu diretor-presidente, André Gerdau Johannpeter, o resultado se deve a causas recorrentes: câmbio desfavorável no Brasil e altos custos de matérias-primas. O lucro menor, no entanto, não mudou os planos da companhia quanto aos investimentos: R\$718 milhões anunciados em maio deste ano para usinas localizadas no Estado de São Paulo e outros R\$183 milhões, até o segundo trimestre de 2012, nas fábricas de Pindamonhangaba e de Mogi das Cruzes (SP). Apesar da crise anunciada, a Gerdau não vai abdicar de cumprir seu papel na cadeia produtiva. Em Pindamonhangaba, por exemplo, a empresa vai utilizar tecnologia industrial avançada, instalando um novo lingotamento contínuo e um novo forno de reaquecimento. Os dois sistemas trarão ganhos de produtividade e de competitividade para a usina. Já em Mogi, a capacidade de laminação será ampliada de 216 mil toneladas para 276 mil toneladas por ano.

Empresa representativa do setor, a Gerdau, cujo nome é sinônimo de siderurgia, não deu sinais de que pode rever os investimentos programados para aumentar a competitividade de seus produtos e a capacidade instalada de seu parque industrial. Tampouco o IABr, que está revendo as metas de consumo previstas para 2011, cogitou rever os investimentos da ordem de R\$54 bilhões previstos para o setor, como um todo, até 2016. A única certeza é a ponderação dos representantes do setor siderúrgico que pretendem se avistar com a presidenta Dilma Rousseff. De acordo com os empresários do setor, se não houver uma mudança na forma como o governo enxerga a questão do aço no país, muitos dos investimentos previstos em novos projetos poderão ser afetados por falta de competitividade, principalmente para exportação. Além disso, acrescentam eles, o poder de competição interna também começa a exaurir diante dos altos custos das matérias primas usadas na produção de aço e da tarifa elevada de energia para o setor industrial.

ALTO FORNO E ACIARIA

Números de setor siderúrgico – Brasil e mundo (em milhões de toneladas)



Fonte: IABr e MDIC/SECEX

*Previsão